

SOFRIMENTO PSÍQUICO EM ACADÊMICOS DE MEDICINA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Rafaela Cruz de Oliveira¹; Ana Clara da Silva Beltrão¹; Beatriz Albuquerque Bomfim¹; Carlos Arthur Marinho da Silva Beltrão¹; Mayra Cristina Cavalcante Campos¹; Sofia Rodrigues Gonçalves¹.

¹Acadêmico de Medicina, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas.

DOI: 10.47094/IICNNEP.2021/108

RESUMO

Introdução: Com carga horária intensa, excessivas tarefas diárias e conteúdo extenso, o curso de Medicina costuma ser difícil e exigente. Essa demanda pode levar ao sofrimento psíquico e, em casos mais graves, ao adoecimento. **Objetivo:** Revisar artigos científicos sobre sofrimento psíquico em acadêmicos de Medicina. **Metodologia:** Foi realizada revisão bibliográfica nas bases de dados LILACS, SciELO e BVS, prosseguindo-se com etapas de seleção do material, leitura e análise. **Fundamentação teórica:** O sofrimento psíquico foi encontrado em universidades de todo o país, com uma prevalência de 62,8% no estudo mais recente. O fator mais citado como causador foi carga horária elevada e pouco tempo livre, sendo acentuado pela competitividade entre alunos e outras questões. **Considerações finais:** Os níveis de sofrimento encontrados foram maiores do que da população geral, denotando necessidade de atenção da universidade, uma vez que o sofrimento crônico afeta qualidade de vida e pode levar ao adoecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Psiquiatria. Universidade.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde física e Mental.

INTRODUÇÃO

O curso de Medicina é tido como um dos mais difíceis e exigentes. A carga horária elevada, com diversas tarefas diárias e pressão para aprender grande quantidade de assuntos, resulta em pouco tempo para lazer e atividades sociais. Esses fatores, somados à competitividade e ao contato com doença e morte vêm se mostrando causadores de sofrimento nos acadêmicos. (TENÓRIO et al., 2016; SACRAMENTO et al., 2021)

Dejours (1988) define sofrimento psíquico como um estado de luta entre o bem-estar e a doença mental. O indivíduo se mostra sobrecarregado pelo ambiente em que está inserido, tornando-se cansado tanto física quanto psicologicamente, passando a um comportamento puramente produtivo, em que o estudante apenas se esforça para alcançar boas notas e aprovação sem prazer pela atividade. Quando o sofrimento ultrapassa as estratégias utilizadas para seu enfrentamento e as pressões se tornam estressantes demais, pode se desenvolver um processo patológico, levando à doença. (NINA

& OLIVEIRA, 2019; MILANESI, 2008)

Sintomas sugestivos de ansiedade, depressão e síndrome de Burnout vêm sendo observados nesses alunos em proporção superior à da população em geral. (DÂMASO et al., 2019) Sacramento et al. (2021) apontam estudos em países desenvolvidos que demonstram altas taxas destes transtornos nos estudantes do curso de Medicina, bem como em seu estudo realizado no Nordeste do Brasil, que evidenciou prevalência de 30,8% de sintomas de ansiedade e 36% de sintomas depressivos em seus participantes.

Com base nas informações expostas, objetiva-se revisar artigos científicos sobre sofrimento psíquico em acadêmicos de Medicina publicados nos últimos cinco anos, afim de guiar ações preventivas no futuro.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa com o tema de sofrimento psíquico em acadêmicos de Medicina de caráter descritivo. Para a revisão bibliográfica, utilizou-se as bases de dados LILACS, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) por meio dos descritores “psychological distress”, “medicine” e “students”.

Os critérios de inclusão empregados foram ser um artigo científico, estar disponível na íntegra, tratar de sofrimento psíquico em estudantes do curso de Medicina e ter sido publicado nos últimos 5 anos. Dessa forma, foram excluídas monografias, dissertações e teses, pesquisas de anais de congressos e outros, bem como artigos que não tratassem de estudantes universitários ou que abordassem alunos de outros cursos.

A seleção do material foi dividida em três etapas: verificação de duplicidade, onde foram excluídos artigos iguais encontrados em bases de dados diferentes; leitura dos títulos e resumos afim de retirar os que não se adequavam à pesquisa; e leitura exploratória. Prosseguiu-se com a leitura e análise dos artigos na íntegra e construção do trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Através das bases eletrônicas citadas, foram identificados 103 artigos inicialmente. Ao aplicar o filtro de tempo, considerando apenas os últimos 5 anos, reduziu-se a 30 artigos, que prosseguiram para a seleção. Foram excluídos 10 por duplicidade e mais 11 por não tratar de estudantes universitários e sim de médicos ou de professores ou por incluir alunos de outros cursos.

A presença de sofrimento psíquico em estudantes de Medicina se fundamenta em diversos estudos atuais. Pesquisa realizada no Rio de Janeiro evidenciou presença de 32,56% de depressão e 39,53% de ansiedade generalizada, além de diversos outros transtornos mentais, assim como em Blumenau se encontrou 50,9% de casos suspeitos de transtornos mentais. (MOTTA, SOARES & BELMONTE, 2019; GREYER et al., 2019) Todos esses dados se mostram a cima da média da

população em geral e se correlacionam com o estudo mais recente realizado por Teixeira et al. (2021) com diversas universidades brasileiras resultando em prevalência de 62,8% de alunos com indícios de sofrimento mental.

O fator mais citado como causador de sofrimento foi a alta carga horária do curso e o tempo livre para lazer limitado, uma vez que além das aulas, os alunos ainda precisam encontrar tempo para se dedicar a outras atividades, como ligas acadêmicas, monitorias e projetos de iniciação científica. Essa dinâmica é acentuada pela competitividade, que faz os acadêmicos se dedicarem cada vez a mais atividades extracurriculares e compararem seu rendimento ao dos colegas, levando-os a dedicar mais horas aos estudos e terem menos tempo livre. Outros fatores marcantes foram a distância da família, falta de uma rede de apoio e relação professor-aluno disfuncional. (GRETHER et al., 2019; TENÓRIO et al., 2016; DÂMASO et al., 2019)

Esse sofrimento pode se exteriorizar em sinais e sintomas, sendo mais comum cefalia, dores musculares e problemas estomacais, como azia, má digestão e constipação. Quanto a alterações do humor, as mais apontadas foram irritabilidade, mau humor, tristeza e choro fácil. Todas essas características refletem em prejuízo na vida dos estudantes, pois sentem-se constantemente cansados e apontam problemas como dificuldade de concentração, não conseguirem realizar as atividades com satisfação e dificuldade para tomada de decisões e para pensar com clareza. (TEIXEIRA et al., 2021; NINA & OLIVEIRA, 2019; TENÓRIO et al., 2016)

A faculdade de Medicina divide-se em três ciclos: básico (1º a 4º períodos), clínico (5º a 8º períodos) e internato (9º a 12º período). Os trabalhos analisados encontram maior prevalência de sofrimento entre os estudantes do ciclo básico, em sua maioria atribuído à difícil adaptação ao curso e à metodologia de ensino diferente do colégio, a necessidade de alguns alunos se deslocarem de suas cidades e ter que fazer novas amizades. O internato também apresentou altas taxas de sofrimento, mas pelo contato prolongado com pacientes, a dificuldade de lidar com doença e morte e ansiedade quanto a prova de residência e entrada no mercado de trabalho. (SACRAMENTO et al., 2021; SILVA et al., 2016) Motta, Soares & Belmonte (2016) encontraram um risco maior de suicídio no ciclo básico e de transtorno de ansiedade generalizada no internato, demonstrando a necessidade de um cuidado mais atento a esses períodos do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nível de sofrimento psíquico entre acadêmicos do curso de Medicina evidenciado nos últimos cinco anos foi maior do que a média da população geral, comprovado por estudos de faculdades em diferentes partes do Brasil. Isto merece atenção especial, pois o sofrimento crônico e persistente causa efeitos prejudiciais à saúde, afetando a qualidade de vida do indivíduo e podendo levar a transtornos mentais.

Os resultados obtidos revelam a importância de a universidade fornecer um amparo psicológico aos alunos, com serviço de acolhimento e ações educativas que possam auxiliá-los. Frente a um predomínio maior de sofrimento no ciclo básico e no internato, pode-se pensar em ações que trabalhem a saúde mental dos calouros e dos finalistas, bem como a disponibilização de profissionais a quem recorrer em caso de sofrimento.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

DÂMASO, Juliana Gomes Bergo et al. **É muita pressão! Percepções sobre o desgaste mental entre estudantes de medicina.** Revista Brasileira de Orientação Profissional, v. 20, n. 2, p. 29-41, 2019.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho.** São Paulo: Cortez Editora, 1988.

GRETHER, Eduardo Otávio et al. **Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina da universidade regional de Blumenau (SC).** Revista Brasileira de Educação Médica, v. 43, n. 1, p. 276-285, 2019.

MILANESI, Karina et al. **Sofrimento psíquico em Dejours.** Seminário Nacional: Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel: Edunioeste, 2008.

MOTTA, Isabelle Christine de Moraes; SOARES, Rita de Cássia Menezes; BELMONTE, Terezinha de Souza Agra. **Uma Investigação sobre Disfunções Familiares em Estudantes de Medicina.** Revista Brasileira de Educação Médica, v. 43, n. 1, p. 47-56, 2019.

NINA, Socorro de Fátima Moraes; DE OLIVEIRA, Rafaela Cruz. **Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico em Estudantes de Medicina.** Trabalho (En) Cena, v. 4, n. 2, p. 451-464, 2019.

SACRAMENTO, Bartira Oliveira et al. **Sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina: estudo de prevalência e fatores associados.** Revista Brasileira de Educação Médica, v. 45, n. 1, 2021.

SILVA, Felipe Vencato da et al. **Rastreamento do Transtorno de Despersonalização/Desrealização em Estudantes de Medicina de uma Universidade Federal no Brasil.** Revista Brasileira de Educação Médica, v. 40, n. 3, p. 337-343, 2016.

TEIXEIRA, Larissa de Araújo Correia et al. **Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019.** Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 70, n. 1, p. 21-29, 2021.